

REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

FILOLOGIA, ESTUDOS LITERÁRIOS E CULTURA ESCRITA

ARTIGO

A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS NO CONTO *DORAMAR OU A ODISSEIA* DE ITAMAR VIEIRA JÚNIOR*THE CONSTRUCTION OF IMAGES IN THE SHORT STORY DORAMAR OR THE ODYSSEY BY ITAMAR VIEIRA JÚNIOR*

JONILSON SILVA ALMEIDA

Graduando em Letras Língua Portuguesa pela UFS. E-mail: jonnylsilva879@gmail.com

PALOMA CAMPOS DE CERQUEIRA

Graduanda em Letras Língua Portuguesa pela UFS. E-mail: paloma.campos.cerqueira@hotmail.com

SARA CRISTINA CARVALHO DE SOUSA

Graduanda em Letras Língua Portuguesa pela UFS. E-mail: saracristina.df@gmail.com

CLAUDIO CLEDSON NOVAES

Doutor em Teorias da Comunicação pela USP. Professor da UFS. E-mail: ccnovaes.orientacoes@gmail.com

RESUMO

O artigo analisa a construção de imagens no conto *Doramar ou a Odisseia*, de Itamar Vieira Júnior, presente na coletânea *Doramar ou a odisseia: histórias* (2021). A pesquisa parte da concepção de literatura como instrumento de humanização (Candido, 1995) e busca compreender como os recursos narrativos e descritivos empregados pelo autor contribuem para a criação de imagens que intensificam a experiência estética do leitor. São mobilizadas reflexões teóricas de Cortázar (1974), Durand (1979), Bastos (1998) e Reis & Lopes (1988) para discutir a diegese, a simbologia e a dimensão imagética na narrativa. A análise evidencia que, por meio de descrições vívidas de espaços urbanos, memórias afetivas e experiências de Doramar, a narrativa aproxima o leitor da realidade social brasileira e possibilita múltiplas interpretações subjetivas. Conclui-se que a obra de Itamar Vieira Júnior reafirma a potência da literatura contemporânea na abordagem de temas sociais, identitários e existenciais, consolidando sua relevância no cenário literário atual.

Palavras-chave: Itamar Vieira Júnior; conto; literatura contemporânea; imagens literárias; análise crítica.

ABSTRACT

This article analyzes the construction of images in the short story *Doramar or the Odyssey*, by Itamar Vieira Júnior, included in the collection *Doramar ou a odisseia: histórias* (2021). The research is based on the conception of literature as an instrument of humanization (Candido, 1995) and aims to understand how the narrative and descriptive resources employed by the author contribute to creating images that intensify the reader's aesthetic experience. Theoretical reflections by Cortázar (1974), Durand (1979), Bastos (1998), and Reis & Lopes (1988) are mobilized to discuss diegesis, symbolism, and the imagetic dimension of the narrative. The analysis shows that, through vivid descriptions of urban spaces, affective memories, and Doramar's experiences, the narrative brings the reader closer to Brazilian social reality and allows for multiple subjective interpretations. It is concluded that the work of Itamar Vieira Júnior reaffirms the power of contemporary literature in addressing social, identity, and existential issues, consolidating its relevance in the current literary scene.

Keywords: Itamar Vieira Júnior; short story; contemporary literature; literary imagery; critical analysis.

INTRODUÇÃO

É fato que, nos últimos anos, a literatura contemporânea vem desempenhando um forte papel na formação de leitores, sobretudo de jovens brasileiros. Dessa forma, é possível compreender que a sua ascensão advém da necessidade em explorar temas que envolvem a complexidade humana de um mundo agora globalizado. Entendemos, por sua vez, que a literatura deve fazer parte da vida do ser humano e reflete, justamente, esse processo de “humanização”, como defende Candido em sua obra “O direito à literatura”, quando argumenta que:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (Candido, 1995, p. 249)

Destarte, os autores da contemporaneidade se preocupam em retratar questões sociopolíticas, culturais, os dilemas e ansiedades da sociedade. Nessa perspectiva, podemos afirmar que o autor Itamar Vieira Júnior constrói narrativas com foco no teor cultural e histórico do nosso país, desafiando os leitores a se questionarem sobre a formação das identidades e das dinâmicas sociais no contexto brasileiro contemporâneo.

Tendo em vista essas considerações, o presente trabalho tem como objetivo analisar as imagens críticas presentes no conto “Doramar ou a Odisseia” do autor Itamar Vieira Júnior, além de compreender como a contemporaneidade se entrelaça com construção dos significados da obra.

O AUTOR

Antes de nos aprofundarmos nos aspectos intrínsecos da obra de Itamar Vieira Júnior, faz-se necessário conhecer um pouco sobre a história deste autor contemporâneo que, em suas histórias, ecoa a voz de um povo há muito tempo silenciado.

Itamar Vieira Júnior nasceu em Salvador, no ano de 1979, e ainda em sua adolescência morou em interiores do Pernambuco e do Maranhão. Quando adulto, cursou Geografia na Universidade Federal da Bahia, onde também concluiu o mestrado e o doutorado.

Sua tese de doutorado intitulava-se “Trabalhar é tá na luta: vida, morada e movimento entre o povo lúna” (2017), pesquisa no campo dos Estudos Étnicos e Africanos que destrinchou a formação de comunidades quilombolas no interior do Nordeste brasileiro. Essa curiosidade em se aprofundar nos dilemas do cotidiano adveio das suas vivências regionais, que consequentemente se fizeram presente em sua literatura.

A considerada obra-prima de Itamar é o romance “Torto Arado” (2018), o seu terceiro livro publicado que conquistou o Prêmio LeYa em Portugal, por unanimidade, e o Prêmio Jabuti. Nesse livro, o autor retrata a vida de trabalhadores sem-terra e remanescentes do regime escravista, além de focalizar em fortes personagens femininas, vítimas de violência.

"DORAMAR OU A ODISSEIA: HISTÓRIAS"

Após o grande sucesso com o seu romance “Torto Arado”, Itamar Vieira Júnior agora nos traz 12 histórias memoráveis em seu livro de contos “Doramar ou a odisseia: histórias”, publicado em 2021. Em seus contos, o autor traz relatos da negritude, de povos originários, dos ribeirinhos e da vitalidade feminina.

Uma vez que a literatura é uma verdadeira mímese da realidade, percebemos como este livro retrata fielmente as dolorosas marcas deixadas pelo poder e opressão que estão presentes nas estruturas culturais e sociais do nosso país.

Com uma escrita marcante, Itamar se propõe a tomar nossos pensamentos com suas histórias que apertam, sacodem e acordam o leitor para o mundo exterior e para as feridas não curadas de uma sociedade a muito tempo enferma.

A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS NO CONTO *DORAMAR OU A ODISSEIA*

No conto que nomeia o livro, acompanhamos Doramar, uma empregada doméstica que tem a sua rotina de ida ao trabalho abalada ao presenciar um cachorro em um estado moribundo. A partir deste momento, entramos junto a personagem em uma verdadeira odisseia de acontecimentos e pensamentos, na qual viajamos ao passado e somos informados sobre o presente.

No livro “Valise de Cronópio” (1974), o autor Julio Cortázar usa uma analogia ao boxe para dizer que os romances ganham por pontos e os contos por nocaute. Dessa maneira, um bom conto deve conquistar o leitor sendo incisivo e instigante, pois quando há a falta de tensão, a leitura pode ser considerada ruim ou chata.

Ao longo de “Doramar ou a odisseia” percebemos que esse não é um problema para Itamar Vieira Júnior, uma vez que o conto já inicia em uma atmosfera de algo “errado”: “De repente, um calafrio tomou conta de Doramar, quando entrou pelo corredor e chegou ao patamar da escada que desceria. Emanava dali um odor fétido, cheiro de lixo de qualquer matéria que apodrecia ao calor [...]” (Vieira, 2021, p. 84). Logo percebemos que toda a narrativa é tecida de expectativas e ansiedade – uma ansiedade que parece ser transmitida da personagem para o leitor.

Um aspecto muito relevante presente neste conto é a construção de imagens que Itamar forma juntamente ao leitor, como se a história fosse escrita exatamente naquele momento, uma vez que todos os elementos presentes são de fácil assimilação. Segundo Cortázar (1974):

[...] o fotógrafo ou o contista sentem necessidade de escolher e limitar uma imagem ou acontecimento que sejam significativos, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto (Cortazár, 1974, p. 151-152).

Sendo assim, no momento em que o autor descreve o encontro de Doramar com o cão, a descrição detalhada de todo o episódio nos fornece uma imagem muito bem estabelecida, quase como uma fotografia: “Num canto escuro, tremendo de dor, estava um cão encolhido em seu próprio corpo, com uma orelha despedaçada, a carne viva, pulsando, dilacerada, e as moscas sobrevoando seu alimento.” (Vieira, 2021, p. 84). Através da narrativa, podemos compreender como Doramar se sentiu diante da situação daquele cão, já que temia a morte e a morte estava bem próxima ao animal.

Uma odisséia é uma viagem marcada por aventuras, eventos, imprevistos... Sendo assim, após o encontro com o animal, que ativa sentimentos e lembranças a muito tempo encaixotados, a personagem vai seguindo em uma viagem, junto com o leitor, não apenas para o seu trabalho, como também para eventos do seu passado que deixaram marcas na mulher que se tornou. Entramos na cabeça de Doramar, enxergamos com seus olhos e sentimos as suas aflições.

Talvez por todo o seu conhecimento geográfico, Itamar Vieira Júnior faz uma descrição sem igual do espaço urbano, colocando em jogo aspectos visuais e, até mesmo, olfativos. As ruas, a rotina conturbada e corrida, os carros, os trabalhadores informais, tudo o que permeia a realidade é possível encontrar no conto. Até mesmo a descrição de um simples túnel, a iluminação do local onde se passa o conto, o mar, as luzes das embarcações, os edifícios e, também, a maresia dos mariscos e lixos e tantos outros detalhes, reforçam as imagens que fazem parte da vida de muitos brasileiros. Essas imagens não apenas situam o leitor geograficamente, mas também o conectam à essência da vida de Doramar. Consoante as ideias de Bastos (1998) que explicita:

[...] pode-se portanto, através literatura, fazer uma leitura geograficamente possível da realidade, a qual não dará conta, jamais da totalidade, pois a representação – no caso, a literatura – é sempre parcial. Através de uma ousadia nas associações, pode-se aproximar arte e ciência (Bastos, 1998, p. 58).

Os gêneros literários, como o romance, a novela, o conto e a crônica, abrangem as narrativas diegéticas, cuja característica principal é a imitação indireta, ou seja, fazem referência às coisas existentes. Compreendendo, segundo Reis e Lopes (1988), que a diegese é o universo do significado, o conteúdo narrativo, o “mundo possível” que enquadra, valida e confere inteligibilidade à história, que por sua vez, percebe que as narrativas miméticas são caracterizadas pela imitação direta, como se dá no teatro.

Os recursos narrativos utilizados para detalhar os acontecimentos e os lugares se aproximam da realidade de grande parcela da sociedade, a construção das ruas e vielas, como as próprias favelas, as lembranças da infância dura e sofrida, o cotidiano dos moradores de comunidades desfavorecidas:

Era uma ruazinha de nada, tão curta, a varar nos pés de um dos muitos morros da cidade. Era apenas um dos lugares pelos quais passou durante a vida. Fechando os olhos, voltou à paz das feiras, da calçada em que caiu e quebrou dois dentes de leite, do armazém de secos e molhados, da verdureira, da baiana e seu tabuleiro de acarajé, arriando todo fim de tarde na rua em que vendia seus quitutes, os bolinhos de linsã. (Vieira, 2021, p. 86)

Durante a história, cada pequeno acontecimento desencadeia milhões de pensamentos e lembranças em Doramar. Primeiro reparava nas pessoas, nas vidas que corriam ao seu redor, perdia-se no tumulto da vida urbana enquanto tentava se encontrar em suas próprias reflexões. Relembrava do cão, da morte, da vida que levava, do que presenciou, do que sentiu e viveu: “Era apenas um cão que não importava, a carne dilacerada e viva, a chaga aberta. Tinha a dimensão do trabalho diário, da vida e da morte nos morros da cidade. Tinha a lembrança do que era a fome, do que era pedir aos motoristas parados nas sinalleiras.” (Vieira, 2021, p. 87).

Cada leitor interpreta as imagens de forma única, projetando suas próprias experiências e emoções. A construção de imagens no conto permite que o leitor participe ativamente da narrativa, preenchendo os espaços vazios com suas próprias vivências. A subjetividade das imagens também reflete a complexidade da identidade que compõe a personagem do conto, que se manifesta em nuances individuais.

A construção dessas imagens nos leva além das palavras escritas, nos convidando a mergulhar nas profundezas da alma humana e a refletir sobre nossa própria jornada.

Na atual sociedade brasileira tem sido muito discutido questões sociais, principalmente temas que dialogam com a ancestralidade do nosso povo. A ancestralidade pode ser compreendida como uma herança de influência que é passada de geração em geração, captadas por meio das experiências, sejam elas coletivas ou até mesmo individuais, ou até mesmo por questões biológicas que fazem parte do meio onde está inserido determinado indivíduo.

Dessa forma, através da literatura contemporânea brasileira, é possível alcançar novos rumos para temas que permeiam a realidade em nossa volta, como o preconceito e a desigualdade, uma vez que a literatura, de acordo com seu contexto e produção, pode vir a gerar mudanças de visões, que talvez não tivessem sido analisadas ou discutidas da mesma forma anteriormente.

A partir disso, a segunda parte da jornada de Doramar começa ao descer do ônibus, no local onde cresceu. Nessas sucessões de imagens construídas por Itamar Vieira, caminhamos por uma comunidade com marcas de violência e sofrimento:

Quantas marcas de violência viu Doramar, ao lado da mãe, em sua juventude, as mulheres que a mostravam, por vezes a escondiam, mas depois vinham novamente para o trem, para os ônibus e para os barcos voltando com as crianças, as roupas que traziam para o lar desfeito diante do arrependimento dos maridos, que tornariam a beber no próximo fim de semana? (Vieira, 2021, p. 88)

Mas no sofrimento também há as boas lembranças, aquelas que aqueceram o coração da personagem em prováveis dias frios: “Cavavam onde a areia suspirava. Os lenços coloridos nos cabelos das mulheres da maré, as latas, colheres e sacolas brilhando à luz. E no fim de tudo, o banho de mar.” (Vieira, 2021, p. 89). Percebemos, segundo Durand (1979) que:

[...] um simples ópio negativo, máscara que a consciência ergue face à horrenda figura da morte, mas pelo contrário dinamismo prospectivo, que através de todas as estruturas do projecto imaginário, tenta melhorar a situação do homem no mundo. [...] Contudo, essa mesma eufemização submete-se ao antagonismo dos regimes do imaginário. [...] o eufemismo diversifica-se, à beirada retórica, em antítese declarada, quando funciona em regime diurno, ou pelo contrário, pelo desvio da dupla negação, em antífrase, quando depende do regime noturno da imagem (Durand, 1979, p. 121-122).

Ao ver o campo de futebol do seu passado, a personagem relembra de sua infância, da vontade de jogar, da troca de beijos com meninos e, conseqüentemente, do seu primeiro beijo. Havia sido com o menino mais forte que jogava; que ajudava o tio em uma oficina; que a mãe não queria que seguisse o mesmo rumo do analfabetismo; o qual ela dividiu momentos de cumplicidade; aquele que havia sido preso e solto, preso, solto, preso... o que foi torturado e morto com 13 tiros no mesmo campo das boas lembranças de Doramar.

Após um momento, a história muda o foco narrativo para a primeira pessoa e acompanhamos outro dia da rotina de emprego de Doramar, não se sabe quanto tempo depois dos antigos acontecimentos. Percebemos ainda uma dispersão da personagem, que se envolve em profundos pensamentos, esquecendo-se com facilidade dos afazeres impostos a ela:

Para que é essa chaleira, mesmo? Não consigo lembrar. Alguém pediu chá, não, não, é a água do café, mas de onde vem esse som de água que movimenta a maré no fundo de minha casa, mar, mar, no fundo de minha alma, e a porta do banheiro estava aberta, e a torneira estava aberta, fechei a torneira e o som da maré se fechou com ela. (Vieira, 2021, p. 93)

É perceptível que a cena do cão ainda a assombra, mesmo após muito tempo, ao ver que ela enxerga no cachorro da família, aquele mesmo animal ferido: “[...] cão me olha, a cabeça de um lado, a cabeça de outro, minha mão toca sua

cabeça. O cão tem uma orelha podre, ele me acompanha há muito tempo.” (Vieira, 2021, p. 94).

Em um fim poético, beirando a uma possível morte, Itamar nos deixa instigados sobre o destino da personagem. Ela entrega os peixes comprados para a refeição dos patrões aos gatos de rua, enquanto sente a chuva chegar e diz escutar a voz de sua mãe chamar. Doramar então caminha, sentindo o chão se desfazer em água: “Vou encontrando as árvores. Vou encontrando a água. Vou encontrando o abrigo. Vou tecendo minha cama no chão de lama para descansar da vida. Para poder deitar e dormir.” (Vieira, 2021, p. 96).

Logo, com a leitura, entendemos que para criar um bom conto é necessário originalidade e a utilização de bons recursos narrativos, com ações traduzidas de tal forma que todos os demais elementos estejam interligados e subordinados a ela. Sendo assim, é inegável que a história de Itamar Vieira Júnior tem um significado muito importante, pois além de relatar grandes acontecimentos humanos, também consolida a revelação de momentos importantes, os que deixam marcas na vida dos personagens, como também dos leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise feita do conto “Doramar ou a Odisseia”, tornou-se possível constatar que o autor baiano se propõe, em sua literatura, problematizar as respostas que são conhecidas sobre o mundo para questões ainda não solucionadas que estão sempre presente em contínuas realidades de famílias brasileiras e, principalmente, na vida das mulheres que são a base de seus núcleos familiares e de si mesmas, ainda que não se reconheçam como protagonistas de suas histórias.

O conto “Doramar ou a Odisseia” de Itamar Vieira Júnior é uma jornada literária que nos conduz por paisagens, memórias ancestrais e personagens complexos. Nesse percurso, as imagens desempenham um papel fundamental na construção da narrativa e na evocação de emoções profundas.

Dessa forma, Itamar provoca reflexões e conexões, explorando o que na contemporaneidade pode vir a se tornar invisível e pouco abordado: a reflexão da sua própria história e das causas que nos constituem a sentir, pensar, agir ou reprimir-se. Além disso, ele explana a necessidade do passado, uma vez que este resultará nas estruturas que sustentam o tempo presente.

Entendendo que “Doramar” é um convite à contemplação, à sensibilidade e à compreensão de que as imagens, tanto literais quanto simbólicas, moldam nossa percepção do mundo e nos conectam com as realidades atravessadas pela narrativa, já que a construção de imagens em textos literários é uma dança entre o concreto e o abstrato, entre o visível e o invisível. Ela nos convida a olhar além das palavras e a mergulhar na magia da imaginação. Como leitores, somos cúmplices nessa criação, pintando com nossas próprias cores e pincéis mentais.

Portanto, é válido definir Itamar Vieira Júnior como um dos grandes no meio da literatura brasileira, encantando ao contar suas histórias que são fixadas no imaginário por meio da sua escrita primorosa em uma só leitura do leitor.

REFERÊNCIAS

BASTOS, A.R.V.R. Espaço e literatura: algumas reflexões teóricas. In: *Espaço e Cultura*, nº 5, jan/jun; 1998.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-263.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Arcádia, 1979.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Doramar ou a odisseia: histórias*. São Paulo: Todavia, 2021.

REIS, C; LOPES, A.C.M. *Dicionário de teoria narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.